

O DISCURSO SOBRE A ESCRITA CIENTÍFICA ATRAVÉS DE VIDEOAULA NA INTERNET

Simone Cristina MUSSIO
(Universidade Estadual Paulista/FCLAr – Fatec Jahu)
simussio@yahoo.com.br

RESUMO: Com as mudanças tecnológicas instauradas no decorrer do tempo, há muitas práticas educativas que, hoje, se ressignificam e ganham destaque na sociedade atual em decorrência de sua versatilidade, abrangência e interatividade. Práticas antigas enquadram-se na era digital e proporcionam uma nova forma de aprender devido à instauração de videoaulas, as quais, inseridas na internet, caracterizam uma ressignificação à metodologia tradicional ao se conceber a definição de aula. Assim, este trabalho tem como objetivo promover, através da abordagem dialógica do discurso, a análise de uma videoaula destinada ao ensino da redação científica e, conseqüentemente, da produção de um artigo científico.

PALAVRAS-CHAVE: Videoaula; Escrita científica; Dialogismo; Gêneros do Discurso.

ABSTRACT: With technological changes introduced over time, there are many educational practices which today are reframed and gain prominent in the current society due to its versatility, reach and interactivity. Vernacular practices from past centuries fit into the digital age and provide a new way of learning due to the introduction of video lessons, which, published on the Internet, reframe the definition of class. Thus, this study aims at promoting, through a dialogical approach, the analysis of a video lesson produced for teaching scientific writing and, consequently, the production of a scientific article.

KEYWORDS: Video lesson; scientific writing; dialogism; discourse genres.

0. Introdução

Em virtude do desenvolvimento tecnológico, muitas das informações disseminadas em ambiente escolar passaram a estar presentes agora também na internet. A concepção de aula, hoje, devido

aos diferentes dispositivos comunicacionais existentes, passa por uma ressignificação e através das chamadas videoaulas há uma possível

facilidade do processo de ensino-aprendizagem. Assim, por meio destas, muitos conteúdos são transmitidos, como, por exemplo, as características da escrita científica na feitura de artigos científicos, tema base do nosso trabalho. No entanto, em razão da pluralidade de materiais disponibilizados na rede, da infinitude de discursos e vozes que engendram os dizeres na sociedade, nosso interesse, neste artigo, é observar a constituição de uma videoaula sobre escrita científica, analisando as divergências e aproximações que esta possui com relação à aula tradicional, bem como esmiuçar o discurso proferido pelo professor na videoaula de forma a compreender de que modo o seu dizer se constitui em razão do outro¹. A partir das reflexões advindas da teoria bakhtiniana, discutiremos alguns conteúdos pertinentes ao dialogismo, à alteridade e à polifonia, como também aos gêneros do discurso e ao estilo. Ao integrar esses elementos, julgamos contribuir para a construção de uma análise discursiva que assuma o movimento dialógico em direção à alteridade.

Através da relação com o outro, observaremos, também, como o termo escrita científica foi construído nesta videoaula e quais as vozes que perpassam neste discurso ao tomá-la como um objeto de estudo.

Dessa forma, para o desenvolvimento desses diálogos, nos ancoraremos nesse construto teórico proposto por Bakhtin, para, então, identificarmos como se produzem os efeitos de sentidos ao se discursar sobre escrita científica numa videoaula na internet.

1. Concepções do termo aula

1.1 O que é Aula?

Etimologicamente, o termo aula, do latim "aula", do grego "aulé", remete-se ao palácio ou sala onde se recebe classe, lição. Antigamente, seriam os locais aonde os discípulos eram conduzidos para que recebessem o conhecimento. Todavia, popularmente, devido à sua abrangência de significados, a palavra "aula" pode ser utilizada para aludir a diversos objetos: o local que contém os meios (livros, mesas, lousa e outros) e pessoas (alunos e professores) necessárias à realização da aula; ao período estabelecido em que aluno e professor dedicam-se ao processo ensino-aprendizagem na escola; ao momento

¹ O termo *outro* tem, neste trabalho, o propósito de enfatizar a dimensão necessariamente dialógica, alteritária e polifônica da produção de discursos, tendo como base o interlocutor (ou interlocutores) ao qual um enunciado é destinado.

em que se dedica à aquisição de algum conhecimento ou simplesmente à execução de alguma tarefa coordenada.

Assim, podemos dizer que a aula é um momento estruturado de trabalho no qual se processa o processo de ensino. Isso denota que a ideia de aula pressupõe sujeitos – professor e alunos; um objeto de trabalho e, por isso, elemento de ligação entre eles – e conteúdo; através de situações didáticas capazes de permitir a ação conjunta e colaborativa entre os sujeitos e seu objeto de trabalho.

Porém, a ideia de aula traz um componente diferenciado: a percepção de que o trabalho de professores e alunos sobre o conhecimento, através de situações didáticas, como, por exemplo, a sua elaboração, o planejamento curricular, o conteúdo, os objetivos, a avaliação, a metodologia de ensino, exige também uma estruturação através de momentos e etapas no espaço escolar, pautada em um início (apresentação) – meio (desenvolvimento) – fim (conclusão).

O início ou apresentação constitui-se no momento em que o professor busca situar os alunos no conteúdo a ser explorado no desenvolvimento da aula. Pode-se, por exemplo, revisar as últimas atualizações referentes ao conteúdo principal ou mesmo criar uma problemática propondo-se a resolvê-la no decorrer da aula, instigando e motivando os alunos. O meio ou desenvolvimento é a etapa considerada a aula propriamente dita. O professor faz a apresentação dos tópicos, geralmente em uma sequência lógica do assunto, buscando considerar os objetivos da aula a ser ministrada. E o fim ou conclusão, o qual é classificado como um momento onde são analisados os objetivos em relação ao que foi apresentado no desenvolvimento, é o espaço para mais discussões, ponderações e colocação de opiniões.

É válido notar que em uma aula tradicional sempre foi reputada a existência de ao menos dois personagens: o professor, indivíduo sábio, dotado do conhecimento, dono da verdade, representando o ensino, e o aluno, representando o aprendizado. Contudo, modernamente, através do desenvolvimento da tecnologia, certifica-se que uma aula pode ocorrer sem a presença física de um professor, utilizando-se novas formas e instrumentos para se adquirir conhecimento de forma sistemática, como as videoaulas, os cursos por correspondência online, cursos em apostilas, entre outros, possibilitando a um aluno autodidata escolher um horário personalizado para a sua aula, realizando-a no seu ritmo pessoal de assimilação e conforme o seu interesse particular por um assunto.

Araújo, em seu texto "Disposição da Aula: Os sujeitos entre a "técnia e a polis", procura expor os elementos que constituem uma aula destacando-a como imprescindível ao ensino dentro da escola. Para ele, a aula é o elemento basilar para a construção de uma escola que tenha

como objetivo a formação dos sujeitos (alunos) em indivíduos autônomos e participativos dentro da sociedade. E, partindo da seguinte conjectura de que não há como definir precisamente a concepção de aula, tendo em vista que ela é constantemente ressignificada, devido à sua importância no processo de tornar a escola viável e também em razão da renovação dos métodos, das técnicas e das tecnologias educativas, Araújo estende o significado da aula ao Ensino Expressivo, o qual se denomina como um ensino significativo para ambos os sujeitos participantes da aula, ou seja, para professores e alunos, através de uma aprendizagem significativa. Todavia, para fazer de uma aula um ensino expressivo, é preciso, primeiramente, compreender o significado do processo de dar aula e as questões envolvidas neste processo. Neste contexto, Araújo (2008:47) assevera sobre este fato, ao proferir que:

Dar aula, em sentido estrito ou lato, (...) abrange conceitualmente o conteúdo, a sintonia deste com as expectativas e com a sua inserção concreta em termos teórico-práticos – o que envolve a questão relativa aos objetivos e às finalidades -, os métodos, as técnicas e as tecnologias educativas utilizadas para o desenvolvimento da conferência, da aula, da exposição, da entrevista, etc.

De acordo com o conceito de dar aula, expresso por Araújo, é possível concluir que se trata de um processo complexo e abrangente que tem como meta sintonizar o conteúdo com as expectativas dos sujeitos nela envolvidos. Além disso, foi observado também pelo autor que é do processo de dar aula que surge o processo avaliativo, o qual é pautado no arranjo estrutural da aula. E essa estrutura, já retratada anteriormente, através do conteúdo, objetivo, finalidade, método, técnica, tecnologia e avaliação, que Araújo denomina de técnica.

Foi partindo do conceito etimológico da palavra aula, que o autor alude que tais critérios esculpem apenas aspectos de uma aula e que os aspectos de objetivo e finalidade não ficam totalmente postos em seu processo operacional. Contudo, é que através desses dois aspectos que se configuram as teorias pedagógicas, as visões de mundo, as concepções educativas, etc. Ainda por meio do etimológico da palavra, o termo aula está estritamente associado à sala de aula, uma vez que é nesse espaço físico que ela ocorre.

No entanto, é preciso levar em conta que a aula é uma mediação cultural, pois o espaço físico desta, na maioria das vezes, tem se limitado às "quatro paredes" de uma escola. Essa mediação cultural é o que Araújo chama de polis, devido ao fato da aula proporcionar sociabilidade e socialização entre os seus envolvidos, resultando na inserção dos sujeitos cultural e participativamente no processo civilizatório.

E para finalizar, citaremos Geraldi (2010), em seu livro "A aula como acontecimento", no qual busca definir o conceito de aula, através de um percurso sobre a função do professor ao longo da história, mostrando como a figura deste profissional se construiu pela sua relação com o conhecimento.

Segundo o autor, até a segunda Revolução Industrial atingir todos os seus efeitos, desde centros a periferias, o professor se definia como aquele que sabe um saber produzido por outros e que o transmite a alunos, mentalidade esta que perdura por volta do século XVII até início do século XX. No entanto, com o desenvolvimento das tecnologias, no século XX, outra divisão social do trabalho vai-se operar, construindo uma nova identidade do professor, aprofundada, hoje, pelas novas tecnologias da informação, como um professor não mais definido por saber os saberes produzidos pelos outros, mas como aquele que aplica um conjunto de técnicas de controle na sala de aula. A relação do aluno com o conhecimento não é mais mediada pela transmissão do professor, mas sim pelo material didático ofertado ao aprendiz. Todavia, este modelo de professor como sujeito que controla o processo da aprendizagem entra em crise nas duas últimas décadas do século XX, mas ainda se faz presente neste momento.

Em decorrência dos diversos problemas em todas as áreas da sociedade, a escola está sendo chamada a responder um desafio que não é o seu, sendo a ela atribuída a "tábua de salvação" e conseqüentemente à "culpabilização". Tem sido, assim, culpada pelo insucesso de sua formação face às exigências do mercado. Desse modo, Geraldi retrata a questão da inversão da relação cultural que recai em um conjunto de disciplinas científicas repassadas aos alunos e à sociedade, quando, na verdade, as práticas sociais que devem ditar as formas de ensino. Agindo através deste último modo, o professor do futuro não seria um sujeito que tem as respostas que a herança cultural instaurou, mas a de um sujeito capaz de observar o ser vivido, a vivência do aluno, baseando o ensino não mais em repostas prontas e acabadas, mas sim em perguntas, pois nas falas de Geraldi (2010:96):

As respostas existentes para problemas do passado estão disponíveis na rede de computadores, acessíveis na navegação internáutica. Aprender não é se tornar um depósito de respostas já dadas. Saber não é dispor de um repertório de respostas. Saber é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber caminhos para construir respostas.

1.2 Conceitualização de videoaula

A videoaula é uma ferramenta pedagógica importante, pois através dela o participante tem a possibilidade de visualizar o conteúdo em audiovisual, seja por uma aula de um professor, depoimento de um profissional da área ou ainda uma demonstração de técnica. Por isso, uma boa produção é fundamental para que a videoaula enriqueça o conteúdo do curso a ser ministrado.

O conceito de videoaula nasceu na década de 80 e tornou-se viável com a popularização dos famosos videocassetes, que utilizavam fitas VHS. Já na década de 90, os DVDs começaram a ser difundidos e muito comercializados, o que fez com que as chamadas "fitas" se tornassem obsoletas. No entanto, hoje até este tipo de negócio está mudando, pois com a internet, o acesso aos vídeos (videoaulas) é feito através de um modo prático, simples e, em grande parte dos casos, de forma gratuita.

No entanto, o conceito de videoaula precisa ser discutido, pois não há uma literatura que fundamente essa palavra como única. A definição de vídeo em sala de aula e aulas em vídeos se distingue em sua função, pois o vídeo em sala de aula tem várias atribuições; desde levar filmes como forma de aula até a aula no vídeo. Um dos únicos conceitos de videoaula encontrado caracteriza-se como uma aula gravada e distribuída em forma de vídeo. Não obstante, acredita-se que esse conceito ultrapassa tal definição e passa a ser definido como uma aula criada com recursos tecnológicos, utilizando como base um conteúdo escolar, transformado em um vídeo ou pequeno filme que pode ser usado nas TVs, multimídias ou diretamente no computador. Produzir, pois, esse recurso demanda planejamento, criação, edição, conhecimento técnico e visão pedagógica. De acordo com Girão (2005:115):

A realização de um programa audiovisual educativo é, sem dúvida, uma tarefa complexa, mas perfeitamente exequível. Um pequeno segredo sobre produção é a familiaridade com as várias fases do processo e os equipamentos. Quanto mais se realiza, mais experiência se ganha e mais fácil será construir uma análise crítica dos meios audiovisuais, eletrônicos ou não. A quantidade de recursos, efeitos existentes hoje no mercado e na Internet proporcionam criações com animações, imagens, efeitos sonoros e visuais. Estes além de trazer a ludicidade, a criação, são inovadores em termos de recurso pedagógico.

Segundo Moran, as tecnologias são uma espécie de pontes que conectam a sala de aula com o mundo, que representam e medeiam o nosso conhecimento do mundo. São diferentes formas de representação da realidade, de forma mais abstrata ou concreta, mais estática ou dinâmica, mais linear ou paralela, mas todas elas, combinadas, integradas, possibilitam uma melhor apreensão da realidade e o

desenvolvimento de todas as potencialidades do educando, dos diferentes tipos de inteligência, habilidades e atitudes (MORAN, 2007).

Assim, à medida que avançam as tecnologias de comunicação, o conceito de presencialidade necessita ser repensado, já que podemos ter professores externos compartilhando determinadas aulas na internet, os quais, inseridos no mundo virtual, através da sua imagem e voz, promovem a difusão de diferentes conhecimentos aos usuários desse ambiente web. Dessa maneira, ainda segundo Moran (2007), o ganho nesta nova modalidade de aprendizagem pode ser grande, pois há um maior intercâmbio de saberes, o que possibilita uma maior colaboração entre professores e alunos sobre diferentes conhecimentos. Esta nova modalidade de aprendizagem proporciona a possibilidade de se estar presente em muitos tempos e espaços diferentes. E quando se fala em aula como pesquisa e intercâmbio, o papel do professor vem sendo redimensionado, e, cada vez mais, ele se torna um supervisor, um animador, um incentivador dos alunos na instigante aventura do conhecimento.

Com as mudanças na sociedade, as formas de ensinar também sofreram alterações, tanto os professores como os alunos percebem que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. As tecnologias telemáticas de banda larga, que permitem ver-nos e ouvir-nos facilmente, colocam em xeque o conceito tradicional de sala de aula, de ensino e de organização dos procedimentos educacionais. O conceito de curso, de aula também está mudando. Hoje, ainda há muitos estudiosos que entendem por aula um espaço e um tempo determinados, mas esse tempo e esse espaço serão cada vez mais flexíveis.

2. Conceitos bakhtinianos

A ideia de dialogismo foi alicerçada por Bakhtin no campo da teoria literária e da filosofia da linguagem, no entanto passou a fazer parte também dos estudos linguísticos, bem como da problemática das Ciências Humanas, que sob o crivo da proposição bakhtiniana a concebe como ciências do discurso.

O princípio fundante desta teoria dialógica é a filosofia do diálogo a qual concebe o homem não como um ser individual, mas uma relação dialógica entre um eu e um tu. O "tu" é condição necessária de existência do "eu", pois a realidade do homem é justamente a realidade da diferença entre um "eu" e um "tu". Sendo assim, o "eu" não existe individualmente, senão como abertura para o outro. Resulta daí o par fundador: eu-outro.

A alternância dos sujeitos falantes é o que define as fronteiras de um enunciado. Todo enunciado, da réplica de um diálogo ao tratado

científico, comporta um começo absoluto e um absoluto marcado pela tomada de palavra por parte do outro. No entanto, cabe aqui destacar que o significado de diálogo em Bakhtin é visto como um princípio geral da linguagem, de interação coletiva, porém sem passividade e não somente como comunicação ou a troca de opiniões *tete-á-tete* entre parceiros. Mas se constitui, através de uma reflexão multiforme, centrada em uma teoria que se caracteriza como a dialogização interna do discurso.

O dialogismo é, pois, um princípio de representação, o qual o autor representa a presença de um outro discurso em seu próprio discurso, já que todo enunciado, sabendo ou não, responde a enunciados anteriores. O objeto de que se fala já foi falado antes. A palavra com que se fala já foi utilizada antes. E, de acordo com Bakhtin, ambos trazem sempre com eles suas respectivas memórias. A pluralidade de contextos de enunciação habita assim cada texto e suas vozes serão tanto mais audíveis quanto o permite a memória discursiva do leitor. Assim, segundo as próprias palavras do autor "A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo" (BAKHTIN, 1997:48). Tudo o que nos diz respeito vem do mundo exterior por meio da palavra do outro. Assim, todo enunciado é somente um elo de uma cadeia infinita de enunciados, um ponto de encontro de opiniões e visões de mundo. Nessa rede dialógica que é os discursos, instituem-se sentidos que não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de uma infinidade de vozes. "Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear" (BAKHTIN, 1997:319). Dito de outra maneira, o indivíduo não é a origem de seu dizer.

O sentido do enunciado é também oriundo das condições reais da enunciação e ramifica-se entre as diversas vozes que se fazem presente no tecido da linguagem. Estabelece-se, assim, um relacionamento dialógico de sentidos entre enunciados confrontados, já que as relações dialógicas são relações semânticas entre todos os enunciados na comunicação verbal (BAKHTIN, 1997). Por isso, a linguagem é um processo determinado pela vida social, estando em permanente evolução, pois está ligado ao movimento perene da vida social e da história.

A alteridade intervém sempre. A identidade é um movimento em direção ao outro, um reconhecimento de si pelo outro que tanto pode ser a sociedade como a cultura. E o elo é a linguagem. "Através da palavra, defino-me em relação ao outro, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor" (BAKHTIN, 1929:113). A ancoragem do sujeito é um "nós",

uma vez que ele não coincide jamais consigo mesmo, sendo inesgotável em sua significação.

Assim o princípio dialógico estabelece a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Consentir a dialogia é encarar a diferença, pois é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior; logo, nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros. São elas que introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, de forma que possamos assimilá-las, reestruturá-las, modificá-las. São, portanto, muito importantes no discurso, já que "em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade (BAKHTIN, 1997:318).

Quando proferimos discursos, não somos a fonte embrionária deles, todavia intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Como já foi expresso, a relação dialógica é polêmica, não há, pois, passividade. O discurso, nela, é um jogo, é movimento, balbúcio de transformação ou mesmo subversão dos sentidos. Dessa forma, o sentido de um discurso jamais é o último e a interpretação é infinita. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles renovações, ressignificações dentro de outros contextos.

De acordo com Todorov (1981), Bakhtin pré-concebeu uma nova interpretação da cultura que a insere como uma contextura de discursos que abarca a memória coletiva, sendo necessária para uma tomada de posição. Estabeleceu, desse modo, um método para seu trabalho que, consoante Todorov, classifica-se como a interpretação ou a compreensão responsiva ativa.

Toda compreensão é um processo ativo e dialógico, que traz em seu bojo uma resposta, já que enreda sujeitos. O ser humano, unido ao seu discurso, sempre presume destinatários e suas respostas, uma vez que a compreensão de um enunciado vivo é sempre preche de respostas (BAKHTIN, 1997). Logo, a construção de um discurso tem em vista a representação que um sujeito possui de seu destinatário, como também a ressonância dialógica produzida por seus enunciados já proferidos e os enunciados de outros sobre o mesmo assunto, refreados em sua memória. "Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado" (BAKHTIN, 1997:325).

Essa responsividade acarreta um juízo de valor que, devido ao seu autor e com os outros enunciados anteriores, fornece ao discurso os elementos ideológicos que o constituem, pois "todo enunciado (discurso, conferência, etc.) é concebido em função de um ouvinte, ou seja, de sua

compreensão e de sua resposta, bem como de sua percepção avaliativa (concordância ou discordância)” (BAKHTIN, 1997:292).

Tendo em vista a posição do autor frente ao seu enunciado, é ele o responsável por avaliar o seu destinatário e por modelar a forma e o modo de produção de seus enunciados, os quais serão produzidos de acordo com a situação social e a importância de seu interlocutor, bem como mediados por suas posições, convicções e pontos de vista. Dessarte, a escolha das palavras para a construção de um enunciado leva em conta outros enunciados de outros sujeitos, em relação aos quais o locutor se posiciona. A palavra é, então, um drama com três personagens: o locutor, o destinatário próximo, do qual se anseia uma compreensão responsiva, e o superdestinatário, de quem o locutor entrevê uma compreensão responsiva ideal e que pode adquirir, dependendo da época, uma identidade concreta.

Quanto ao diálogo entre discursos, o que produzimos é um tecido de vozes, de muitas vozes que se relacionam polemicamente entre si, promovendo um sujeito dialógico por natureza e possuidor de um discurso polifônico.

No entanto, é através da definição de Tezza que remetemos a explicação da origem da palavra polifonia. Tal conceito foi cedido da arte musical e é compreendido como “o efeito obtido pela sobreposição de várias linhas melódicas independentes, mas harmonicamente relacionadas, Bakhtin emprega-a ao analisar a obra de Dostoiévski, considerada por ele como um novo gênero romanesco – o romance polifônico” (TEZZA, 2002:90). Revela-se, dessa forma, que o discurso é perpassado por outros discursos, compondo, conseqüentemente, as várias linhas melódicas.

Assim, a partir da explanação de Amorim (2004:108), podemos acrescentar à fala de Tezza a seguinte reflexão:

O texto polifônico ou dialógico é um conceito bakhtiniano que permite examinar a questão da alteridade enquanto presença de um outro discurso no interior do discurso (...) sua originalidade consiste no fato de colocar o contexto de enunciação no interior do enunciado. O extraverbal não é a causa exterior do enunciado e sim um constituinte necessário de sua estrutura semântica. A análise refere-se então ao modo como as vozes dos outros se misturam com a voz do sujeito no enunciado.

Logo, nos textos polifônicos, o diálogo entre discursos é marcado, enquanto que nos monofônicos há um efeito de sentido que dissimula o dialogismo fundador, contudo, como o dialogismo é constitutivo da linguagem, ainda que buscássemos mascará-los, as vozes dos textos permaneceriam, pois cada um deles dialogaria implicitamente com

outros discursos, fazendo com que pudéssemos enxergar suas marcas, sua história.

Nos estudos concernentes aos gêneros do discurso tidos no Brasil, Bakhtin é indubitavelmente um dos autores mais citados. Não obstante, o que se pode notar é uma extensa diversidade conceitual e terminológica em pesquisas assentadas em sua análise dos gêneros. Este acontecimento se explica através de uma concepção não hegemônica de tal conceito, advinda de diferentes correntes teóricas, bem como da questão das diversas interpretações e apropriação desta noção pelos estudiosos do assunto.

Todavia, para a realização deste trabalho, a análise dialógica do discurso será o seu cerne, dentro da qual Bakhtin nomeia os gêneros do discurso como sendo formas-padrão "relativamente estáveis" de um enunciado, determinadas sócio-historicamente. Para o autor, nós só nos comunicamos, falamos e escrevemos através de gêneros do discurso. Os sujeitos têm, portanto, um infinito repertório de gêneros, mas, muitas vezes, nem se atêm a isso. E é analisando, dialogicamente, os discursos que nos rodeiam, que é relevante notar a importância do estudo dos gêneros discursivos, proposto por Bakhtin e seu círculo, já que os diversos matizes que adquirem os gêneros discursivos estarão vinculados ao contexto em que serão analisados.

O estudo dos gêneros discursivos considera, sobretudo, "a natureza do enunciado" em sua diversidade e nas diferentes esferas de atividade comunicacional.

A totalidade artística de qualquer tipo, isto é, de qualquer gênero, orienta-se na realidade de forma dupla, e as particularidades dessa dupla orientação determinam o tipo dessa totalidade, isto é, seu gênero. Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada na vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante. (...) Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (MEDVIÉDEV, 2012:195-196).

É válido lembrar que o gênero nunca é em si mesmo, por essa razão não pode ser abstraído da esfera que o cria e usa, como também de suas coordenadas de tempo-espço e das relações entre os interlocutores. Sheila Grillo (2012) ressalta que as esferas estão ligadas ao destinatário, e há destinatários presumidos para cada gênero, além

de formas de atividades responsivas que são ligadas a determinada esfera.

Dessa maneira, os gêneros sofrem alterações em decorrência do momento histórico ao qual estão inseridos. Cada situação social engendra um gênero, com suas características que lhe são peculiares. Ao observarmos a infinidade de situações comunicativas e que cada uma delas só é possível graças à utilização da língua, podemos perceber que infinitos também serão os gêneros, existindo em número ilimitado. Por isso, Bakhtin cinge a formação de novos gêneros ao aparecimento de novas esferas de atividade humana, com finalidades discursivas próprias.

3. Dialogando com o corpus

O objeto de estudo deste trabalho retrata a produção de uma videoaula, inserida em ambiente web, a qual visa destacar várias técnicas de produção da redação científica.

A videoaula a ser analisada refere-se ao curso "Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto", ministrada pelo professor do Instituto de Física de São Carlos da Universidade de São Paulo (IFSC/USP) Valtencir Zucolotto. O curso aborda a estrutura e a linguagem dos artigos científicos e foi disponibilizado gratuitamente na internet, através do site YouTube, o qual permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital, bem como nas páginas www.redacaocientifica.com ou www.nanomedicina.com.br, gerenciadas pelo próprio professor. No entanto, além de ser veiculado via internet, foi lançado em DVD e distribuído para bibliotecas e instituições públicas. O material – que consiste em oito módulos – tem tópicos como seções de um artigo regular, aspectos de linguagem e editoração, e um dos módulos retrata especificamente sobre a redação em inglês.

Desse modo, para a realização deste trabalho, foram selecionados alguns trechos do primeiro módulo do curso já referido, justamente por conter toda a sua apresentação, de forma que possam ser compreendidos não apenas os aspectos que aludem à redação científica, como também para que seja possível uma abrangência maior dos assuntos a serem tratados, como a própria produção de uma videoaula.

Como vimos, uma videoaula é caracterizada como uma ferramenta pedagógica, a qual o "usuário-internauta-aluno" tem a possibilidade de visualizar o conteúdo que deseja aprender através de um modo audiovisual. Difundida ainda mais nos tempos hodiernos, devido à facilidade de acesso a inúmeras informações propiciadas pelo advento da internet, o seu uso passa a ser cada vez mais frequente. No entanto,

apesar de possuir suas especificidades atreladas ao suporte a que está acoplada, hoje, passa a ser um importante instrumento de difusão de conhecimentos e proporciona uma aula atrativa, porém, diferentemente de uma aula convencional, sem intensa interatividade.

Analisando dialogicamente pequenos trechos desta videoaula, a qual apresenta a duração de 27 minutos e 13 segundos, podemos perceber como sua composição se aproxima das concepções e atribuições ao que se denomina aula, porém com determinadas ressalvas.

Conforme foi retratado no item 1.1, a concepção de aula está sim presente neste tipo de vídeo, porém ele a contempla a partir de suas próprias especificidades. Enquanto a aula vigente em espaço escolar alude a objetos como, por exemplo, lousa, giz e carteiras, a videoaula retratada apresenta tais componentes através da filmagem de um professor que, para propagar as informações desejadas, faz uso de sua imagem, voz e gestos somados a slides que ocupam a função do antigo quadro-negro. Os "alunos" não estão presentes fisicamente como em uma aula convencional, porém é possível notar a presença destes em diversas falas do professor, como em "*Olá, sejam muito bem-vindos. Esse é o nosso curso de Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto*". Para que se estabeleça a aula, mesmo sendo ela virtual, é necessária a presença do outro, pois é na relação com o outro que se faz presente o eixo da produção de saber. No entanto, esse outro, mesmo que não apareça marcado em expressões como "*sejam bem-vindos*", sempre se faz presente. É por ele e para ele que pensamos, formulamos e direcionamos o nosso dizer. É pelo dialogismo que é permitido que se examine a questão da alteridade enquanto presença do outro e de seu discurso no interior do próprio discurso. O destinatário da concepção bakhtiniana se faz presente no texto de quem enuncia e é ele quem apresenta a instância de pertencimento social do enunciado. Seguindo as diretrizes de uma aula convencional, e obedecendo ao que se espera de uma aula (compreensão do outro para formulação de determinado enunciado), a videoaula analisada também abarca uma sequência didática capaz de permitir o entendimento dos sujeitos, formulando etapas sequenciais baseadas em um começo (apresentação do curso e do professor), meio (desenvolvimento dos itens apresentados no início) e fim (conclusão e recapitulação dos tópicos principais abordados), as quais podem ser comprovadas ao se observar os excertos destacados no decorrer deste artigo.

Todavia, é válido lembrar que diferentemente de uma aula tradicional, o item avaliação, proposto ao final dos conteúdos ministrados, não é levado em conta na videoaula, visto que esta tem um caráter informacional e não avaliativo, já que é o próprio "aluno" quem

a busca de maneira voluntária e não impositiva. Somada a essa questão do querer (advindo da necessidade) e não do impor (promovido através da pressão), podemos também atribuir à videoaula o pertencimento ao Ensino Expressivo, como foi proposto por Araújo (2008), ou mesmo à aula como acontecimento, mencionada por Geraldi (2010), uma vez que ao se promover ou acessar uma videoaula, é porque esta representa um ensino significativo, o qual foi escolhido pelo próprio aluno para fazer parte de sua aquisição de conhecimentos frente a uma suposta necessidade sua, como, por exemplo, a produção de um artigo científico e a compreensão dos mecanismos presentes na produção da redação científica.

A expectativa na videoaula é também construída de maneira diferente, pois não há o envolvimento entre aluno e professor. Logo, ela é criada devido às necessidades de certo indivíduo em busca de tal conhecimento, sendo, portanto, expressivo para ele, uma vez que este acessa tais informações não de maneira imposta, mas mediante o seu querer. A aula não é resumida a um ambiente físico, mas se torna um acontecimento, pois rejeitando os mesmos ditames passadistas, concebe uma forma de aprender amparada pelas evoluções tecnológicas modernas.

Com relação à interação presente em uma aula convencional, a videoaula não a oferece nestes moldes, visto que há a presença de um aluno presumido, para o qual o ensinamento é destinado, mas a troca de opiniões ou dúvidas não pode ser feita de maneira direta, somente através de comentários por escrito publicados no site Youtube, onde os "alunos-internautas" podem perguntar, criticar ou elogiar a aula assistida de maneira assíncrona.

Analisando imageticamente o contexto extralinguístico a que a videoaula se submete, vemos a presença de um professor, trajado socialmente, com camisa social e gravata, porém de forma mais amigável, devido à dobra das mangas da camisa, mas, ao mesmo tempo, passando a ideia de seriedade e credibilidade, levando-se em consideração a própria posição apresentada por ele "*Meu nome é Valtencir Zucolotto e eu sou professor do Instituto de Física da USP de São Carlos onde coordeno o laboratório de nanomedicina e nanotoxicologia*". Sentado no meio de uma bancada e falando diretamente à câmera, com o olhar atento ao lugar onde se pressupõe o seu destinatário, o seu outro, através do fenômeno dialógico, profere o seu discurso que ultrapassa as relações entre réplicas de um diálogo formalmente produzido, mas por ser quase universal, perpassa todo o discurso humano, todas as relações e todas as manifestações da vida humana, ou seja, tudo que tem um sentido e um valor. Nas palavras de Amorim (2004:102): "Se considerarmos que a situação de oralidade

apresenta outras marcas que não apenas as linguísticas, acreditamos que, entre elas, o olhar representa uma região importante no estabelecimento das relações de alteridade”.

Interessante notar, também, projetadas ao fundo de onde está situado, há duas imagens: uma foto, branca e preta, da portaria da USP de São Carlos e a imagem da abóbada da igreja conhecida como Catedral, localizada também no mesmo município, a qual é tida como um patrimônio da cidade. Para somar-se a essas imagens, há a presença de uma frase que diz “Cidade da Tecnologia”, frase esta que devido ao seu vigor acadêmico, tecnológico e industrial conferiu este título à cidade. Somado a essa cena, há, logo no início da videoaula, esta fala que a introduz:

Esse é um curso que tem sido formatado, produzido nos últimos 6 ou 8 anos, e eu tenho ministrado já em várias unidades das Universidades de SP e também em várias outras universidades no país e também no exterior, na maioria dos cursos, na maioria da vezes, a convite dos cursos de pós-graduação. São cursos que a gente pode formatar pra 4 a 16 horas, e nós temos oferecido em várias faculdades no Brasil e também no exterior.

Observamos assim que nada é por acaso. Tais construções são produzidas através de vozes presentes no discurso do professor, como no cenário de onde fala, que representa a entrada do contexto de enunciação no interior do enunciado, sendo o extraverbal elemento constituinte para a estrutura enunciativa. São vozes de outros discursos que se misturam com a voz do sujeito que enuncia. Ou seja, ao mesmo tempo em que o professor busca emitir informações sobre as características da redação científica, há vozes, através do seu próprio discurso, como também por meio das imagens, que enaltecem o lugar de onde se fala: uma universidade de renome, situada em uma cidade conhecida por sua importância tecnológica. Por esse mesmo motivo, tal curso é digno de ser ministrado em inúmeras universidades do país, bem como do exterior. Dessa maneira, vemos que além da voz que busca informar, há aquela que se preocupa em engrandecer o discurso, como também, através da difusão do produto (as videoaulas), vender o serviço.

3.1 Análise discursiva sobre a escrita científica difundida na internet

Para fins didáticos, utilizaremos as siglas E1, E2, E3... para representar os excertos abaixo de modo que possamos examinar tais enunciados sob o prisma dialógico do discurso.

E1: A segunda parte do curso vai focalizar em aspectos de estilo e de linguagem, com várias dicas e abordando vários problemas referentes à linguagem de artigos científicos que nós, principalmente nós, não nativos da língua inglesa enfrentamos quando vamos produzir artigos científicos.

Observando tal fala, nota-se a postura do sujeito enunciador em compreender a dificuldade do outro com relação a esse tipo de escrita. Assim, seu trabalho criador consiste exatamente na luta com outras enunciações (como, por exemplo, a dificuldade de se escrever um artigo científico, principalmente em inglês) para poder inscrever sua própria voz (a facilidade em se escrever um artigo científico seguindo as instruções da aula). Desse modo, a voz do autor não ressoaria fora desse fundo onde outras vozes se ouvem. E mesmo sabendo que este tipo de discurso permanece na sociedade em geral, no caso de uma repetição, ela também seria nova, pois sempre um novo contexto de enunciação constitui um novo contexto dialógico, o que produz sempre um novo sentido.

E2: Então, mais ou menos, o processo seria esse, tudo surge do intelecto, em algum momento, então, você tem implementação de um método científico, aquelas hipóteses são testadas e no final desse processo todo, você tem o output, né? Você tem aí como resultado a publicação científica, esse documento, o artigo científico. Então é muito importante, né? Então esse é, mais ou menos, o processo. Mais ainda nessa linha, quando se publica, eu gostaria de fazer um comentário sobre o timing da publicação científica.

E3: É muito importante que os grupos de pesquisas, os pesquisadores, não é?, tenham essa noção de timing de publicação científica muito clara para suas áreas de pesquisa. Analisando, por exemplo, as publicações dos grandes grupos, publicações científicas de grandes grupos no Brasil ou no exterior em uma determinada área, pode nos fornecer informações sobre com que frequência esses grupos de pesquisa publicam novidades científicas nessa determinada área. É lógico que a questão de timing varia muito de uma área pra outra, claro, não é? Há áreas em que a publicação, a implementação do método científico, a submissão e publicação é mais rápida ou mais lenta que em outras áreas, mas é importante que cada cientista, que cada aluno de pós-graduação, pós-doutorando-pesquisador tenha essa noção de timing, como as coisas estão andando, como essa fronteira do conhecimento, essa área na qual você tá trabalhando, não é?, avança pra que a gente não peque pelos excessos, né?

Observando os dois excertos acima, podemos notar, claramente, através das falas do professor, que seu modo de enunciar é típico da categoria à qual ele pertence. O uso de expressões como “É muito importante” e marcadores conversacionais, como “não é”, “né”, deixam, de forma evidente, a marca do destinatário no discurso por ele

proferido. Além de promover sua fala em função do outro, o enunciador a faz de um modo que acredita ser a postura professoral daquele que ensina, ou seja, uma postura que destaca, a todo o momento, a importância do conteúdo ministrado, sem deixar que aconteça a ruptura do canal. Ao utilizar tais marcadores, vê-se a necessidade do professor em tê-los como apoio para o diálogo com o "aluno" e também como uma busca de aprovação discursiva.

Outro fator que merece grande destaque é o uso das palavras em inglês na fala do professor. Discursando do lugar daquele que detém o conhecimento, tais palavras alicerçam sua posição enunciativa e presume um outro capaz de identificá-las e compreendê-las. A voz que, implícita e explicitamente, se faz presente durante a exposição da videoaula é aquela que dialoga com a importância de se publicar no meio científico, e agora em inglês. Além da dificuldade já encontrada de se produzir um artigo científico, devido à complexidade do gênero, a próxima barreira a se vencer é a da redação científica que utiliza como suporte a língua inglesa. E este posicionamento se torna ainda mais real, ao notarmos que todos os slides do professor, os quais, na videoaula, ocupam o lugar da lousa tradicional, são escritos em inglês, como se pode observar nos conteúdos a seguir: "Why? What? When?...?", "What do scientist do?", "Who will read your paper?", "Scientific Method/Hypothesis testing", "Audience" "Clarity and concision", "Reference" , "No room for suspense", entre muitos outros. O posicionamento da importância do inglês perpassa toda a aula, de modo que este passa a ser visto não mais como importante, mas sim como imprescindível.

Interessante notar, também, que a posição assumida pelo professor ao nomear sua videoaula como "Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto" é aquela que atribui o caráter de escrita científica somente àqueles que possuem um grau de estudo elevado, ou seja, pós-graduandos, pesquisadores e cientistas. Escrita Científica, neste caso, não se reporta, por exemplo, a alunos de graduação que compõem seus trabalhos de conclusão de curso ou mesmo à apresentação de artigos em disciplinas ou congressos por universitários. A escrita, neste caso, é como se fizesse parte do próprio ato de se fazer ciência pelos próprios cientistas, como visto, por exemplo, no excerto abaixo:

E4:O que cientistas fazem? Qual o papel? Qual o trabalho de cientistas? E é claro que sempre quando eu faço essa pergunta, uma resposta bastante rápida é 'Cientistas fazem ciência'. Está correto? Claro. Mas talvez não totalmente correta. Se a gente imaginar que alunos do ensino médio, alunos de graduação, por exemplo, nos seus laboratórios de física, química e biologia, estão fazendo seus experimentos, estão

fazendo ciência também, não é? Mas esse trabalho, esse processo é um pouco diferente daquilo que os cientistas fazem. Cientistas fazem ciência, sim, claro, mas fazem ciência da maneira a avançar a fronteira científica em determinadas áreas, não é?

Ao se atentar para E2, E3 e E4, vemos como a escrita científica faz menção a esses sujeitos outros dotados de maior conhecimento científico. E isso é muito claro para o professor, afinal, toda sua aula foi composta pensando neste outro. Todavia há outros que optaram em assistir a videoaula que, por essa ideia não estar denominada, por exemplo, no próprio título da videoaula como: "Escrita científica para cientistas e alunos de pós-graduação", não se enquadraram no objetivo de aprendizagem proposto pela aula.

Ao se acessar o YouTube, é notável observar que os oito módulos, nos quais o curso é dividido, têm números de acessos distintos. Enquanto o primeiro deles tem quase dez mil acessos, os demais variam entre mil a três mil. Ora, se para a eficácia e pertinência de um ensinamento, o ideal é que se apreenda o total dele, de forma que se tenha o todo de um curso para, assim, poder dizer que este foi significativo, uma vez que os demais módulos não atingiram números de acessos compatíveis com a primeira videoaula, pode-se perceber uma possível insatisfação do público, do outro, com relação aos ensinamentos proferidos. Sendo assim, de acordo com o que retratamos ao longo do trabalho, isso pode ser atribuído justamente ao fato de que como a videoaula se intitula apenas como um curso de Escrita Científica, retratando o tipo de escrita que deve ser adotada por alunos de pós-graduação, pesquisadores e cientistas, mas não especifica que é destinada, especialmente, a esta categoria, este tipo de conhecimento passa a não se adequar à real situação de muitos outros sujeitos que interessados pelo tema optaram pelo acesso à aula. Há, assim, um jogo de vozes que intercepta o discurso sobre redação científica e alude a diferentes concepções deste termo. Redação científica, segundo a própria videoaula, é atrelada à escrita de quem já faz ciência. No entanto, para muitos outros, este tipo de assunto poderia, comumente, referir-se à escrita de textos, ou mesmo artigos científicos, no próprio ambiente universitário de graduação.

É justamente devido a esses elementos externos que a linguística bakhtiniana é considerada como uma "translinguística", uma vez que ela ultrapassa a visão de língua como sistema, já que para Bakhtin não se pode entender a língua isoladamente, mas qualquer análise linguística deve incluir fatores extralinguísticos como contexto de fala, a relação do falante com o ouvinte, momento histórico, etc.

Outro considerável ponto a ser destacado é a concepção de ciência de quem fala e a quem se fala. Concepção essa que passa a determinar

os moldes também de se produzir um artigo científico. O professor, ao dialogar com um aluno presumido, já o tem em mente e para este fala. Contudo, há vozes distintas na concepção do seu discurso. Ao mesmo tempo em que ensina como produzir artigos de alto impacto e fornece técnicas sobre a escrita científica, tais técnicas se destinam a um outro específico dentro de uma titulação de aula generalizante.

Observando os E3 e E4, já inseridos anteriormente, e os E5 e E6, expostos a seguir, podemos destilar algumas considerações.

E5: Vamos falar agora do gênero literário, né? Então eu convido a todos vocês agora a pensarem na escrita científica como um gênero literário, talvez isso pode ser uma novidade para muitos de vocês, não é? E analisando a escrita científica como um gênero literário, mas principalmente conhecendo as principais características desse gênero literário, nós temos vantagens durante o processo de escrita com certeza, não é? Da mesma maneira que nós temos poesia, romance, ficção, não-ficção, nós temos então a escrita científica como um gênero literário bastante específico.

E6: ... do ponto de vista histórico, quando começou esse gênero literário? Quando começou a tomar forma a escrita científica, né?, mais ou menos nos moldes que nós temos hoje? A gente pode voltar um pouco, lá pelo século XVIII, XIX, e pensar que nessa época as ciências já tavam, mais ou menos, separadas, a física da química, e a gente já tinha grandes avanços em várias áreas aí, né... das ciências. E é claro que havia divulgação de resultados dos cientistas entre esses pares, né?, mas era através de documentos bastante informais, né?, onde tinha um modelo de escrita muito diferente desse modelo que a gente encontra hoje nos artigos científicos.

Vemos que o professor se preocupa em falar das diferentes áreas ocupadas pelos pesquisadores, mas estas somente se restringem às ciências tidas como naturais e exatas. Isso fica bem claro em enunciados como "Se a gente imaginar que alunos do ensino médio, alunos de graduação, por exemplo, nos seus laboratórios de física, química e biologia, estão fazendo seus experimentos" (E4) ou em "A gente pode voltar um pouco, lá pelo século XVIII, XIX, e pensar que nessa época as ciências já tavam, mais ou menos, separadas, a física da química, e a gente já tinha grandes avanços em várias áreas aí, né... das ciências" (E6); neles, notamos o direcionamento deste tipo de escrita a pós-graduandos e pesquisadores enquadrados nessas áreas. Em nenhum momento, apesar da videoaula retratar a escrita científica, ela é reportada, por exemplo, à área das Ciências Humanas. Mesmo um pós-doutorando em humanidades, apesar de enquadrado no requisito intelectual "pedido", não poderia se beneficiar de tais ensinamentos que

versam sobre a escrita científica e conseqüentemente sobre a produção de um artigo científico.

Podemos assim notar que o próprio fazer artigo científico assume a voz de ser algo geral e impactante no próprio título, no entanto ele se destina a áreas e sujeitos específicos, o que faz com que passemos a questionar o próprio significado do que é ciência. O discurso de ciência, segundo o posicionamento do professor, o qual apresenta vozes de um discurso dominante do que é ciência, denomina-se como aquele atrelado às ciências duras, e cita gêneros das ciências humanas para apenas contextualizar o que não é científico, como visto no trecho "*Da mesma maneira que nós temos poesia, romance, ficção, não-ficção, nós temos então a escrita científica como um gênero literário bastante específico*" em E5, bem como em E7:

E7: A segunda grande característica da escrita científica, e eu considero esse, talvez, o slide mais importante desse nosso curso todo, tem a ver com clareza e com concisão. Clareza é o fato dessa mensagem chegar de maneira mais rápida possível à mente do leitor, não é?, com palavras e expressões fáceis, escritas de maneira apropriada, né... de uma maneira simples, como nós vamos ver no último módulo desse nosso curso, pra privilegiar essa mensagem que tem que chegar rapidamente à mente do leitor. Isso é clareza, não é? E concisão é ato de você fazer isso usando o menor número de palavras, então... principalmente nas nossas áreas de pesquisa, clareza e concisão são palavras de ordem, né? Os textos científicos de altíssimo impacto nas revistas de altíssimo impacto são sempre claros e concisos, não é? E isso é muito típico da escrita científica, talvez não seja muito típico de outros gêneros literários... por exemplo... há poesias que são enormes, não é? Camões, por exemplo, talvez não tivesse se preocupado com concisão quando escreveu Os Lusíadas, mas nem por isso deixou de fazer sucesso, muito pelo contrário, ele fez muito sucesso... mas aquilo é arte, não é? e nós precisamos da arte também... ciência e arte andam sempre juntos. Mas na escrita científica, as publicações extremamente longas acabam sendo pouco eficientes. Então é muito importante a gente se preocupar com clareza e concisão.

Com base em Bakhtin, Amorim (2004) propõe a distinção entre ciências duras ou da natureza e ciências humanas, dizendo que não há objeto científico que não seja discursivo, isto é, mediatizado pelo texto. Em qualquer domínio, o objeto de pesquisa é objeto falado e por isso não pode ser mudo. Nas ciências humanas, o objeto é não somente falado e atravessado pelo texto, mas ele é texto. Texto a explicar a interpretar, é também objeto falante.

O professor separa claramente como deve ser a escrita científica para determinadas áreas "científicas", a destina a um outro específico, porém na divulgação de suas videoaulas a generaliza a quaisquer outros, o que faz com que muitos sujeitos ao ver tal enunciado sobre escrita científica sintam-se abarcados para a apreensão deste conhecimento. As áreas por ele selecionadas são exclusivamente dentro

da própria área das ciências tidas como duras. Contudo, há também textos científicos, trabalhados em ciências humanas, por exemplo, que não são enquadrados logicamente como poesia, os quais este tipo de produção de escrita científica não abarca nos ensinamentos, mas generaliza no discurso de divulgação. Há a ideia de que textos científicos são aqueles relacionados às Ciências Exatas, denominando-se por Arte o que não é científico. No entanto, há inúmeros artigos científicos que não se constituem exatamente através da forma apresentada pelo professor, mas que são considerados artigos científicos.

Neste momento, podemos, de certa forma, até mencionarmos a questão do sobredestinatário, retratado por Bakhtin, o qual atua de forma invisível, mas é dotado de uma compreensão responsiva e está situado acima dos participantes do diálogo. A sua presença se deduz da possibilidade de diálogo entre enunciados separados no espaço ou no tempo e que se revelam em relação dialógica mediante uma confrontação de sentido. Dessa maneira, acima da questão sobre o que é escrita científica, há um embate de vozes construído ao longo da história sobre as diferentes concepções do próprio fazer científico e conseqüentemente do que é ciência. O professor, ao proferir seu discurso, estando por falar de determinado lugar sobre escrita científica, não é fonte embrionária dele, mas sim, dialoga e polemiza com outros discursos presentes em nossa sociedade e cultura, afinal, como retrata Faraco, ao mostrar a tripla dimensão da dialogicidade, "... todo dizer não pode deixar de se orientar para o já dito (...) todo dizer é orientado para a resposta (...) todo dizer é internamente dialogicizado." (FARACO, 2003:58).

Sobre a questão do gênero, retornaremos brevemente ao excerto 5 (E5). Assim é importante notar que ao trabalharmos com a videoaula, estamos retratando o gênero aula, contido no gênero videoaula, o qual apresenta o gênero artigo científico, que, segundo o professor da mesma videoaula, Valtencir Zucolotto, apresenta o gênero escrita científica. Pode-se, desse modo, comprovar o que foi refletido por Bakhtin (apud Machado, 2012:155) ao discursar que sujeitos têm uma infinidade de repertório de gêneros e, muitas vezes, nem percebem tal fato. Assim, comprovemos tal asserção através de sua fala:

A riqueza e diversidade dos gêneros é imensa, porque as possibilidades de atividades humana são inesgotáveis e porque em cada esfera da práxis existe todo um repertório de gêneros discursivos que se diferencia e cresce à medida que se descobre e se complexifica a própria esfera.

E é analisando, dialogicamente, os discursos que nos rodeiam, que percebemos que os diversos matizes que adquirem os gêneros

discursivos sempre estarão vinculados ao contexto em que serão analisados. Nessa perspectiva, a linguagem possibilita a construção social da realidade e a interação entre sujeitos, tendo os gêneros do discurso como formas relativamente estáveis de enunciados elaborados de acordo com as condições específicas de cada campo da comunicação verbal. Essa definição remete à situação sócio-histórica de interação que envolve o tempo, o espaço, os participantes, a finalidade discursiva e o suporte midiológico, tendo, neste estudo, o uso da internet como vinculação de diferentes gêneros.

E para finalizar, analisaremos sucintamente a questão do destinatário e o estilo utilizado para abordá-lo, como vemos nos excertos 8 e 9.

E8: Quem poderá ler o seu artigo científico? As possíveis audiências aí pro seu artigo científico. Isso vai fazer com que ele escreva de uma maneira ou de outra. Então vai mudar a maneira como ele escreve seu artigo científico. Por exemplo, todos nós sabemos que existem revistas científicas altamente específicas em determinada área e revistas científicas menos específicas, um pouco mais gerais, né?, como eu poderia citar Nature ou Science, não é? Essas revistas científicas altamente científicas têm uma audiência bastante específica. Então quando o autor vai escrever um artigo pra uma audiência altamente específica, ele não precisa utilizar muito texto pra mostrar a importância de se fazer estudos naquela área porque a audiência conhece essa importância já.

E9: A audiência pode fazer com que você escreva de uma maneira ou de outra, então é importante que você tenha noção de algumas revistas, né? três ou quatro ou cinco, ou pelo menos um grupo de revistas que são candidatas pra aceitarem essa sua submissão, não é?

Tais enunciados apresentados comprovam como os conceitos bakhtinianos de dialogismo e polifonia permitem examinar a questão da alteridade enquanto presença do outro e do discurso outro no interior de um enunciado. Assim, podemos dizer que tais conceitos pertencem à ordem do social composicional, isto é, do social submetido às leis de composição do texto. Lembrando que a palavra "composicional" é usada frequentemente por Bakhtin ao retratar as formas próprias do gênero, como estruturação e realização de uma obra ou de um enunciado tendo em vista a relação locutor/interlocutor. Assim, a utilizaremos aqui para designar o trabalho de mediação ou de transformação que as formas de composição próprias a cada gênero impõem ao elemento social de um texto. E o estilo é, pois, parte intrínseca de qualquer enunciado, estando vinculado, indissociavelmente a unidades temáticas determinadas e a unidades composicionais, envolvendo o tipo de estruturação e de conclusão do todo e o tipo de relação entre o locutor e destinatário.

Conforme visto nos trechos acima, o professor explica que é necessário ter em vista a quem se destina o artigo científico, ou seja, neste caso, qual o periódico escolhido, para se ter em mente o modo de compô-lo, já que outros diferentes pedem formas outras de composição. Como foi explicado por Amorim (2004:122):

A representação do outro a quem me dirijo já atua na própria divisão do discurso em partes. Na separação em parágrafos, o autor realiza um ajuste às reações previstas do leitor. Quanto mais fraco for esse ajuste, menos organizado será o discurso no que tange aos parágrafos. Os tipos clássicos de divisão revelam bem esta forma de alteridade: pergunta e resposta (o autor coloca as perguntas e ele próprio as responde); suplementação (o autor completa progressivamente as ideias); antecipação das objeções possíveis; exposição das incoerências do seu próprio discurso, etc. Todas as vezes em que o autor toma como objeto de discussão seu próprio discurso, pode-se dizer que ele está levando em conta o seu destinatário.

Assim, o outro desempenha papel fundamental na constituição de ser e dizer, já que "ser" significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio. É através do olhar e valores do outro que o sujeito se constrói e, por conseguinte, formula o seu dizer, pois como afirma Bakhtin (2006:144), "se o discurso ignorasse totalmente o destinatário (um tipo impossível de discurso, é claro), a possibilidade de decompô-lo em constituintes seria próxima de zero".

Considerações finais

Dialogar com as construções de aula ao longo do tempo e, principalmente, com o discurso sobre escrita científica através de videoaula na internet, sob o prisma bakhtiniano do discurso, é uma forma de conceber a linguagem como prática social, deixando entrever o caráter dialógico da relação entre linguagem e sociedade. No entanto, a análise efetuada neste trabalho não pretende uma pretensa verdade das ideias bakhtinianas, pois nada seria mais contrário ao seu pensamento. Ao contrário, o que pretendemos é expor a parcialidade de nossa interpretação.

Observar que a constituição de aula se ressignifica devido às tecnologias existentes, e que a concepção de uma videoaula contém traços semelhantes e distintos da aula tradicional, porém sempre pautada nos anseios alheios (outros) a fim de, ao refletir o outro, caracterizar-se a si própria, é uma forma de percebermos como o dialogismo se faz presente também nesta esfera midiática.

Compreender as características da redação científica é também uma maneira de observar a constituição alteritária dos discursos diante

da própria concepção de ciência. É observar as diversas vozes engendradas em um enunciado, bem como assumir um estilo de escrita posicionando-se dialogicamente.

Desse modo, ao tomarmos como baliza os preceitos bakhtinianos, acreditamos poder demonstrar a pertinência e a produtividade dessa teoria para nossa problemática sobre o conceito de escrita científica difundido na internet, já que através de tais reflexões é possível analisar fenômenos de diferentes instâncias e esferas, uma vez que, como foi retratado por Fiorin (2006:27) "todos os fenômenos presentes na comunicação real podem ser analisados à luz das relações dialógicas que os constituem".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro*. São Paulo: Musa, 2004.
- ARAUJO, JCS. Disposição da aula: os sujeitos entre a técnica e a polis. In: VEIGA, IPA. (org.). *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, SP: Papyrus, 2008, p. 45-72.
- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. 3. ed. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- _____. M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. 12. ed. Trad. Michel Luhud e Yara Frateschi São Paulo: Hucitec, 2006.
- FARACO, CA. *Linguagem & diálogo: as idéias linguísticas do círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar Edições, 2003.
- GERALDI, JW. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- GIRÃO, LC. Processo de produção de vídeos educativos. In: ALMEIDA, MEB.; MORAN, JM. (org.). *Integração das tecnologias na escola – Salto para o futuro*. Brasília: SEED/MEC, 2005.
- GRILLO, SVC. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin – conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 151-166.
- MEDVIÉDEV, PN. *O método formal nos estudos literários*. São Paulo: Contexto, 2012.
- MORAN, JM. *Desafios na Comunicação Pessoal*. 3ª Ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- TEZZA, C. Polifonia e ética. *Revista Cult* nº 59, Ano VI, julho de 2002.
- VOLOSHINOV, VN. (1930). La structure de l'énoncé. In: TODOROV, T. (Org.). *Mikhail Bakhtine: le principe dialogique*. Paris: Éditions du Seuil, 1981. p. 287-316.

Mussio, Simone Cristina. O discurso sobre a escrita científica através de videoaula na *internet*. *Revista Intercâmbio*, v. XXIX: 40-64, 2014. São Paulo: LAEL/PUCSP. ISSN 2237-759x

ZUCOLOTTO, V. Escrita Científica: produção de artigos de alto impacto.
Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=CZR0ptpPaR0>>
Acesso em: 10 jul. 2013.